



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MÁRIO ROBERTO GENEROSI BRAUNER II

(depoimento)

2009

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-153

Entrevistado: Mário Roberto Generosi Brauner

Nascimento: 07/01/1953

Local da entrevista: Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Elomar Augusto Marques da Costa e Juliete Prado

Data da entrevista: 29/10/2009

Transcrição: Juliete Prado

Conferência Fidelidade: Elomar Augusto Marques da Costa / Grasiela Alves de Castro

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Juliete Prado

Fitas: (01 fita) 153/01-A

Total de gravação: 30 minutos

Páginas Digitadas: 10

Catalogação: Luciane Silveira Soares

Registro: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 02145/2010/01

Número de registro da fita: 02145/2010/01

Observações: Após a leitura, o entrevistado alterou alguns trechos do depoimento.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

BRAUNER, Mário Roberto Generosi. *Mário Brauner II (depoimento, 2009)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Relato da história do professor como técnico e professor de basquete; primeiro contato com o basquete; suas sensações relacionadas a esse esporte; a diferença entre técnico e professor; sua opinião sobre o basquete dos dias de hoje e o de antigamente; atuação como técnico desta modalidade.

Porto Alegre, 29 de outubro de 2009. Entrevista com Mário Brauner, a cargo dos entrevistadores Elomar Augusto Marques da Costa e Juliete Prado, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

E.C. - Bom tarde Mário, gostaria de saber quando você teve o primeiro contato com o basquetebol?

M.B. - Meu primeiro contato foi na escola, nas aulas de educação física, jogando bola. Gostava de jogar tudo. Tudo que era esporte com bola, jogava bem, e, a partir daí, a vontade de fazer o curso de educação física para ser professor. Como muita gente, a ideia inicial era ser treinador. Jamais basquete. Meu esquema era futsal, era futebol, era handebol. Basquete vinha lá no fim da fila. Mas fiz bem a cadeira de basquete na ESEF¹ no meu tempo de aluno, e participei... Na época tinha a Associação Atlética² junto com o D.A.³. O D.A. era para os interesses estudantis, culturais, sociais, e a Associação Atlética era só para o esporte e eu fui vice-presidente da associação e o responsável por agilizar o esporte na Escola naquele tempo. Tive algum destaque como dirigente estudantil e, quando saí da Escola, quando me formei, a oportunidade que apareceu foi com o basquete para treinar a Sogipa⁴, que era um clube tradicional da cidade que tinha fechado o seu departamento e queria “reiniciar” o funcionamento do departamento. Eu fui convidado, fiz tudo o que podia e o que não podia para não aceitar, porque não me achava em condições, mas, a pessoa que originariamente tinha sido convidada, não podia aceitar o convite. Mostrou-me todo o acervo que eu teria a minha disposição, e não teve como sair. Então, a minha primeira experiência. Eu me aproximo da possibilidade de ser treinador de basquete por essa oportunidade.

E.C. - Quais são suas sensações quando você ouve qualquer coisa que tem a ver com o basquetebol?

¹ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fundada em 1940.

² Associação Atlética da ESEF, fundada em 1941.

³ Diretório Acadêmico, fundado em 1941.

⁴ Fundada em 1867 como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica). A partir de 1942 passa a chamar-se Sociedade Ginástica Porto Alegre.

M.B. - Tu falas em termos afetivos emocionais? Eu não sei se nós vamos cansando, mas eu já fui muito mais emocionado com o basquete. Durante muito tempo, eu dizia que tudo o que eu tinha, o que eu fazia, girava em torno do basquete e, quando eu era convidado a dar cursos e onde eu participava na função de professor e treinador, era muito agradecido ao basquete. Mas não me dava conta que também dei muito de mim e da minha juventude, da minha vida toda pelo basquete. Então, eu acho que continuo agradecido ao basquete, mas também me dou conta que dei muita coisa para o basquete e o basquete tem um pouquinho de mim também. Eu já me sinto menos torcedor, menos aficcionado, menos emocionado e mais profissional. Quer dizer, tenho uma sensação de que aquilo deixou de ser esporte e passou a ser trabalho. Então, é uma maneira menos encantada assim de que... Quando ouço falar de basquete desperta toda a minha curiosidade, mas não no sentido de viver aquilo e participar daquilo, como vocês que são jogadores ou... Até num determinado momento da vida, nós temos a ilusão de vir a ser alguém. Acho que já passou a minha fase da ilusão. Agora eu tenho os pés, mais ou menos, no chão e sei aonde posso chegar. É importante ouvir falar de basquete. Fico orgulhoso e me sinto um pouco participante de qualquer coisa relacionada com o basquete. Mas tem aquela emoção, aquele sentimento de euforia que eu já tive em outro tempo. Hoje já não tenho.

E.C. - Em sua opinião, o que difere um técnico de um professor de basquetebol?

M.B. - Grandes discussões a respeito. E, com o passar do tempo, nós vamos modificando, e, no meu caso, a modificação é mais para consolidar a ideia que eu trago de muito tempo, que me trás até algumas arestas, algumas lacunas nas minhas relações pessoais. Porque eu deixei de ser treinador, fui fazer o doutorado fora. Quando ao retornar, voltei com uma visão crítica do esporte. Quer dizer, com outra percepção do esporte. E, ao voltar para o esporte, meus colegas treinadores diziam que eu estava um pedagogo, não era mais um treinador. Mas eu queria ser treinador. Eu acho que a minha história é de treinador. E, por outro lado, aqui na academia, eu sempre representei para os meus colegas um treinador. Aqui, eu queria ser pedagogo e, aqui, eu trazia a imagem do técnico e, lá nas equipes, eu queria ser técnico e levava a imagem dos pedagogos. Então, o que eu vou te dizer? As coisas vão passando e, hoje, se eu tivesse que estabelecer uma diferença entre treinador e professor, eu acho que “tu” sempre vai ser treinador. Pode ser treinador na escola, pode ser treinador no clube, mas nem sempre, ao contrário do que tu ouves falar no senso comum

aí, o juiz é chamado de professor, o treinador é chamado de professor. Quando, muitas vezes, não tem formação nenhuma. Eu penso que ser professor é uma coisa bem diferente, não tem nada a ver com ser treinador. Se eu pudesse fazer uma analogia com algumas figuras ou profissões, eu diria que o treinador é um engenheiro, é um arquiteto, ele tem um projeto. Quando ele esboça aquele projeto, vai trabalhar para conseguir o resultado. Ele sabe qual vai ser: “Está aqui. Na minha marquise, no meu projeto”, e o treinador de basquete começa a trabalhar um grupo, trabalhar para ser campeão. O caminho para ser campeão é esse: “Eu vou perseguir”. No final, se eles fizerem tudo o que achávamos que deveria ser feito, o resultado vai ser um só: campeão. Já ser professor é como se fosse um agricultor. Tu jogas a semente na terra e aí depende do vento, da chuva, do sol. Era para sair uma arvorezinha de uma determinada maneira, mas ela, de vez em quando, cai para um lado, cai para outro. Tu não sabes o resultado da safra. Eu acho que é muito mais exato o treinador, treinar. O objetivo é muito mais fechado, muito mais concreto. “Eu perdi um jogo”. É só ser inteligente para analisar o resultado desse jogo e “eu vou modificar os meus treinos” e quem sabe já ter elemento suficiente para melhorar o meu trabalho. E ser professor não é a mesma coisa. “O que eu fiz contigo, eu farei com ela”, mas o resultado vai ser totalmente diferente. Não tem nada mais definitivo. Então, é sempre aprender com o teu aluno, ensinar para o teu aluno. O treinador quase sempre só passa, só ensina. Inclusive, quando tu queres abrir como treinador, para os alunos, para os atletas opinarem, eles te acham inseguro: “Ih, o cara está cheio das dúvidas”. Já o professor, eu acho que tem muito mais possibilidade de abrir e dar a oportunidade. Eu acho que, como professor, dou oportunidade para as pessoas. Como treinador, eu faço essas pessoas seguirem um determinado caminho que eu julgo certo. Quer dizer, eles vão trilhar o caminho que eu proponho. Como professor, não. Eu tento trabalhar valores, trabalhar as coisas da vida como um todo e não de uma coisa bem específica, uma modalidade esportiva, enfim.

E.C. - Talvez essa pergunta seja um esboço da primeira: O que te motivou a ensinar, como professor ou técnico, o basquetebol?

M.B. - No meu caso pessoal, não foi motivação. Foi o que me apareceu. Eu nunca tive muito dinheiro e o meu sonho era ser fisioterapeuta, era estudar fora do país, e, se não tivessem acontecido coisas na minha vida, imponderáveis, saúde... Eu não tinha pai. Minha mãe ficou doente e eu tive que trocar tudo para acompanhá-la. Fiquei com a mãe doente

trinta e poucos anos. Então, os meus projetos, que eram fora daqui, ficaram necessariamente aqui, e a oportunidade que apareceu foi com basquete. Me deu muito medo no início, mas, no final, a “necessidade” acabou prevalecendo. Eu tinha que abraçar aquilo para conseguir responder algumas coisas da minha vida. Abracei, os atletas me ajudaram. Acho que eu fui bem e aquilo me deu muita motivação.

E.C. - Você considera o basquetebol uma prática esportiva democrática?

M.B. - Depende de que basquete estamos falando. Porque o basquete pode ser o basquete institucionalizado, competitivo, a equipe, o treinamento, o alto rendimento. Esse não. Esse é altamente segregador. Essa história de que o esporte aproxima as pessoas. Não aproxima! Aproxima os bons. Acho que já tens me ouvido falar isso na disciplina de fundamentos: se tu tens habilidade, tu és reconhecido e tem espaço para ti em qualquer lugar. Mas, se tu és limitado, em seguida te fazem entender que ali tu estás atrapalhando. Mas, por outro lado, se é na praça, se é com um grupo de amigos, o que nós queremos é nos divertir. Eu acho que é uma importante ferramenta para socializar as pessoas. As pessoas conseguem rir muito mais do que chorar. No esporte de alto rendimento, nós temos que chorar muito para conseguir rir lá o finalzinho. Campeão é o resto de um naufrágio. Poucos chegam lá. Se fôssemos entender que a motivação do esporte está no resultado, vocês vão concordar comigo que é muito maior o número de pessoas desmotivadas do que motivadas, pois campeão é um só. Segundo, terceiro, quarto, quinto, vigésimo são todos os zeros, todos os outros. Então, eu acho que a minha resposta vai por aí. Democrático, em termos. Nossa sociedade é democrática? Para quem já tem um lugar, para quem tem dinheiro, para quem tem uma família que permite estudar, aproveitar, quase sempre, “esses caras” são bem sucedidos e cada vez melhor sucedidos. Para quem não tem nada, vai ter que batalhar para conseguir um burquinho aí. O esporte de certa maneira é uma reprodução da vida.

E.C. - Dizem que todo técnico tem um olho clínico. Quais são as qualidades que você julga importante para um jogador de basquetebol de alto rendimento, para um jogador extremamente talentoso?

M.B. – Ficamos, muitas vezes, como treinador, envaidecido, porque alguém que trabalhou contigo chega numa seleção brasileira ou vai a uma olimpíada. E aí é claro que passa um

pouco o tempo e tu vais amadurecendo e tu vais tendo, acredito, um olhar mais inteligente para as coisas. Se tu notares o talentoso, quase sempre ele é talentoso em mais de uma coisa. O cara bom no basquete. O melhor atleta⁵ que eu tive de basquete, não por coincidência, o pessoal do vôlei queria que ele só jogasse, sem precisar treinar vôlei. O pessoal do futebol queria que ele jogasse futebol. No atletismo, ele ia lá, lançava. O que eu fui para este atleta? Simplesmente fui o cara que canalizou as virtudes que ele tinha. Cada modalidade tem determinadas qualidades que são importantes. Para o basquete, por suposto, um biótipo privilegiado, o que não é a mesma coisa dizer que um baixinho não pode jogar. Os baixinhos quase sempre são os melhores jogadores dos times, porque eles fazem as grandes jogadas. Mas, de qualquer maneira, é muito mais fácil ter sucesso ou chegar ao alto rendimento, sendo alto, sendo longilíneo. Tem que ter então uma morfologia privilegiada: envergadura, as valências físicas necessárias em função, explosão, velocidade, resistência... Além disso, precisa ter traços psicológicos favoráveis: equilíbrio, liderança, coragem, uma dureza para enfrentar situações mais difíceis. Então, uma série de qualidades que tem que ter para se transformar num atleta de alto nível. Não sei se eu te linquei algumas dessas que julgo mais importantes. Se tu quiseres que eu te explorasse mais isso. Mas é uma resposta bastante ampla.

E.C. - Quais são as principais dificuldades apresentadas pelos jogadores de basquetebol?

M.B. – Olha, eu não sei se é a dificuldade dos atletas, mas quem sabe nós com, um pouquinho de responsabilidade e preocupação em trazer essa responsabilidade para nossa prática. Acho que existe uma cultura que faz com que as pessoas só se sintam jogadores se fizerem cestas. Mas, para quem é treinador e dirige um time, valorizamos demais os jogadores que evitam os outros de fazerem a cesta. Todo mundo quer fazer cesta. E poucos querem defender. É muito mais fácil conseguir um lugar num time sendo um bom defensor. A concorrência é muito menor do que sendo o cestinha do time. Outro dia, nós assistimos um atleta profissional falando, na nossa disciplina, para os alunos. Ele jogou na Itália, na Europa, nos Estados Unidos, nas maiores equipes do Brasil, e ele comentava sobre um dos grandes ídolos do basquete de todos os tempos do Brasil, que se chamava Oscar⁶. Esse cara foi cestinha de várias olimpíadas, foi cestinha de todos os campeonatos

⁵ Referindo-se ao Rogério Klafke (atleta profissional de basquete).

⁶ Oscar Shimidt (ex-jogador da Seleção Brasileira de Basquete).

que participou, mas, em muitos lugares, apesar de ele ser cestinha, o time que ele estava quase nunca ganhava. Ele tinha um destaque individual, mas a equipe não. Então, tu me perguntas qual seria o problema do jogador? O basquete é um esporte coletivo! A maior habilidade tua, Elomar⁷, seria colocar a tua habilidade em serviço do coletivo. No mais, das vezes, por uma tradição na maneira nossa de ensinar o jogo, sempre valorizamos mais o cestinha do que o passador. Valorizamos mais o atacante do que o defensor. Então, daqui a pouquinho teus professores todos ficaram envaidecidos porque tu tinhas uma manipulação da bola super boa, tu eras o cara do circo, tu fazias jogadas espetaculares. Mas a cesta espetacular vale os mesmos dois ou três pontos que uma cesta “simplesinha” que tu não erras nunca. Cesta espetacular tu erras muitas vezes, para sair aquela cesta que todo mundo “ah” vai vir abaixo vibrando com a tua cesta. Mas ela vale os mesmos pontos. Então, eu diria que a maior dificuldade, pelo menos, na minha experiência como treinador com os jogadores, foi tentar passar para eles a ideia do jogo coletivo. Tu podes até vir a ser o destaque individual de qualquer competição, mas para isso teu time tem que ser muito forte e te fazer igualmente forte. Ao natural, como a diferença do jogo e não ao contrário. Se nós tivermos um cara super bom e o resto mais ou menos, os adversários normalmente podem neutralizar esse cara. É só um. Então, pões dois ou três a marcar esse cara e os outros, se tiverem com a bola, se atrapalham todos. *Complicado*. Então, é esse o espírito, essa mentalidade de trabalhar para os outros. Fazê-los entender que o mundo não gira em torno dos caras. Ao contrário, eles são parte do mundo.

E.C. - Qual a principal diferença entre o basquetebol atual e o basquetebol de antigamente?

M.B. - O basquete já foi um esporte tão importante quanto futebol no Brasil, mas eram outros tempos. O futebol acontecia aos domingos. O basquete nas segundas, quartas e sextas. O vôlei as terças, quintas e sábados. As pessoas não tinham o que fazer. Era rádio. Não tinha televisão. Então, as pessoas tinham programas em dias certos. Programa de segunda, quarta, era ver basquete. Para aqueles que gostavam de esporte, não tinham outras modalidades. Era basquete. As terças e quintas “os caras” do vôlei. Como o basquete, nesse tempo, tinha resultados internacionais importantes, aquilo ali era uma febre. Os times de futebol tinham times de basquete. Então, as torcidas eram de times de futebol. Hoje, tu vais aos ginásios e os ginásios estão vazios. Eu acho que nós pagamos um preço muito

⁷ Referindo-se ao entrevistador, jogador de basquete amador.

caro pelo tipo de dirigente que se vem tendo. Quase todo o dirigente de esporte se projeta pelo esporte. Não está ali para projetar o esporte. Ele está ali para se projetar pelo esporte. Quase todos os dirigentes - eu estou falando no nosso nível aqui - passam a ser dirigentes por serem pais de atletas. E, por serem dirigentes, abrem oportunidades para os seus filhos. E, mesmo que seu filho não tenha a habilidade necessária, passará a ser dirigente e será um dirigente profissional. Mas dirigente profissional no sentido... Poucos são os que colocam o esporte como a meta a desenvolver. Quase todos, querem se promover com o esporte. Então, o basquete foi perdendo muita força por um monte de coisas mal feitas fora da quadra. Quer saber se um campeonato é legal? Vai saber onde estão hospedados os dirigentes, os hotéis. Normalmente, são hotéis cinco estrelas para os dirigentes. Enquanto os atletas param em baixo da arquibancada. Atletas vão lá jogar três, quatro dias sucessivos. No mais das vezes, eles se alimentam super mal. Os dirigentes se alimentam super bem. Tu vais numa olimpíada, tem a olimpíada do povo e tem a olimpíada dos dirigentes que são cinco, seis iates estacionados, ancorados no porto. E ali os melhores atletas de todos os tempos fazem apresentações só para a família olímpica. Quem é a família olímpica? Os dirigentes esportivos. Quer saber qual é a cidade que vai ser sede da próxima olimpíada? Pois presenteia os dirigentes que estes dirigentes vão criar as condições de transformar uma cidade em sede. Com o basquete, de alguma maneira, eu acho que se reproduz o fenômeno do esporte amador de uma maneira geral. Falando amador, o basquete hoje não... Têm alguns que são profissionais, tem jogadores que ganham um bom dinheiro, mas não estão aqui no Rio Grande do Sul. Curioso. Em outro momento, nós já tivemos até dez equipes aqui em Porto Alegre, só em Porto Alegre. Outro dia, veio nos visitar um pessoal da Universidade de Tucumã⁸ que é uma cidade parecida com Porto Alegre, menor, e eles tinham dezoito times na cidade. Porto Alegre não tem nenhum time mais de basquete adulto. Todos os jogadores de categorias inferiores, a grande ilusão deles, é jogar bem para sair daqui. Em outro tempo, eles queriam jogar bem porque eles eram daqui, se identificavam, vestiam a camiseta. Hoje não é mais assim. Hoje, tu vais onde tiver a melhor condição, onde te dão as maiores vantagens. De certa maneira, o meu discurso no início da nossa conversa aqui evidencia um pouco disso. A emoção foi trocada. Hoje é mais um trabalho. Eu vejo os nossos bixos⁹, que entram aqui na faculdade, como frequentam o ginásio. Qualquer espaço é espaço para jogar. Então, eles

⁸ Faculdade de Tucumán na Argentina.

⁹ Turma recente a ingressar na faculdade, calouros, (referindo-se aos novos estudantes da ESEF).

vão começando a se ocupar, a vida vai jogando-os para os gabinetes, para os laboratórios, eles seguem “jogando” só que de outra maneira...

E.C. - Mais ou menos parecida com a pergunta anterior: você poderia apontar porque o basquetebol brasileiro, principalmente no Rio Grande do Sul, encontra-se tão desmobilizado?

M.B. - É muito mais fácil, Elomar, tu pegar e botar dez mil reais na esgrima, num esporte individual. Tu contratas o campeão do Brasil. Ele vem fazer esgrima pela Sogipa, e a Sogipa vai ser campeã brasileira. Para ti montares um time de basquete, tu gastas trezentos mil reais para entrar entre os oito do Brasil. Para ser campeão, tu gastas um milhão, um milhão e trezentos. Tu vêes que hoje, aqui no Rio Grande do Sul, se fala no judô, porque tem um campeão mundial de judô. O ginásio da Sogipa hoje não é mais para esportes coletivos. É mais para o judô, para a ginástica. Então, porque caiu tanto o basquete? Custos, má gestão. Não existe campo de trabalho para treinadores. Quase todo mundo que trabalha com basquete, trabalha de graça, mas, às vezes, não em poucos casos, tu pagas para trabalhar. Quer dizer, é uma coisa fora do nosso tempo.

E.C.- E o que tu achas que deve ser feito para que o basquetebol volte a ser valorizado?

M.B.- Olha, várias coisas. Algumas das quais já tentamos fazer, mas, quem está no esporte, nos sinaliza que não tem interesse nisso. Eu pensei, por ser o professor da grande maioria dos treinadores que estão aí, que quando dissesse: “Bom, vamos tentar formar um novo grupo dirigente para ocupar o espaço e realmente botar o basquete no centro”. Tentamos fazer uma programação que tem a ver com a técnica, com as necessidades do jogador, na qual os técnicos, os jogadores vão ser os protagonistas. Mas teria que entrar na Federação e derrubar esses dirigentes. *E qual não é a surpresa:* o dirigente da Federação Gaúcha, que foi um cara que esteve ausente grande parte do tempo aqui do Estado, e, contra o qual queríamos fazer oposição, montou um esquema oferecendo... Organizou outra chapa, que não era a chapa dele. Primeiro ele ia se lançar. Quando soube que existia um grupo de oposição, quando ele sentiu que vinha uma oposição, fez uma terceira chapa forçando uma composição com a nossa chapa para ele ir para Confederação Brasileira. E conseguiu. Como? Oferecendo viagens para aquele, seleção para o outro, vantagens particulares de

todo o tipo. E, as pessoas, nossos colegas, pessoas que eu gosto muito e tenho muita identidade e, sob os quais, achava que tinha muita influência, optaram em que tudo ficasse como está. Então, não sei o que fazer para melhorar. Eu acho que é começar lá em baixo com uma mentalidade diferente, tendo sorte de encontrar pessoas que tenham uma boa condição social, financeira, tempo, disponibilidade e comecem lá de baixo a criar uma mentalidade nova, na qual todos se coloquem a serviço do esporte. Como o vôlei fez uma escola de treinadores. Hoje o vôlei é campeão mundial em todas as categorias. Não é por acaso que ele é campeão mundial adulto, ele é juvenil, infantil, todas as categorias. Então, existe uma organização muito importante. O basquete ainda não tem. Está tentando organizar. Vamos ver se consegue.

E.C. - Poderia relatar um momento que o basquetebol, de um modo geral, te trouxe um demasiado sentimento de tristeza e alegria, respectivamente?

M.B. - São muitos. *Qualquer derrota* é uma sensação de impotência impressionante... De vez em quando, inclusive, hoje eu não gostaria mais de fazer, mas, em determinados momentos, a sensação que eu tinha era que eu botava minha vida naquilo que eu estava fazendo. Era capaz de renunciar qualquer coisa para conseguir o resultado. E, em uma das vezes, eu consegui. Foi o melhor resultado. *Fomos campeões brasileiros*. E aí, com surpresa, eu vejo que a emoção do momento não supera o concreto da vida. Eu vou à Rua da Praia e aí? Campeão Brasileiro de quê? Mas eu nem queria ser famoso. Eu pensei que aquilo ali tinha uma transcendência completamente diferente da que realmente tinha. Então, uma derrota, principalmente, quando tu trabalhas muito em função de um objetivo, é um momento muito complicado. Depois tu vais amadurecendo e tem certas derrotas que, ao invés de tristeza, te dão um sentimento bonito, de quem reconhece que, mesmo trabalhando o limite, tem gente que supera. Quando tu perdes para alguém melhor que tu, sempre é uma derrota boa. É que, muitas vezes, tu perdes para gente que se esforça menos que tu e tem muito menos condição que tu. Isso aí é frustrante. Então, momentos de derrota, ou momentos de não ter conseguido, o que eu me propunha são momentos muito fortes e não são poucos. Embora o senso comum, parece que eu sou mais vencedor que perdedor. Eu perdi muito mais do que eu ganhei. Não sei se isso é bom, mas me sinto um vencedor.

E.C. - Preferência entre ser técnico e ser professor?

M.B. - Eu queria ser professor, mas a minha história faz com que eu seja treinador. Eu queria ser professor, eu acho mais importante ser professor, mas toda a minha história é de treinador. E, quase sempre, todo o final de semestre, quando fazemos a avaliação da disciplina, se repetem às opiniões pessoais das pessoas que acham que as aulas são parecidas com treino, que a minha maneira de agir e de falar é mais como treinador e, enfim, é eu queria ser... Mas acho que sou mais técnico do que professor.

E.C. - Você joga basquetebol frequentemente?

M.B. - Não jogo mais.

E.C. - E não pensa em voltar a jogar?

M.B. - Não. Penso agora em fazer poesia. Agora não sei. Meu corpo está pedindo outras coisas que não o jogo. Eu achava que a bola me satisfaria eternamente em todos os tempos, em todas as situações, mas o corpo te mostra que, de vez em quando, trocar uma lâmpada, amarrar o sapato, as coisas vão ficando tão difícil. E com surpresa estou na academia, fazendo exercícios, para melhorar as minhas condições funcionais. Jogar bola me dói o joelho, me dói o tornozelo. Jogar é dor. Quem sabe isso aí não é resultado de uma prática mal feita lá em baixo? Cheio de medalhas e cheio de dores. Não sei.

E.C. - Agradecemos sua colaboração pela entrevista.

M.B. - Eu é que agradeço e continuo a disposição para quando vocês necessitarem.

[FINAL DO DEPOIMENTO]